

Y20

O impacto econômico global do empoderamento feminino

Artigo de opinião por Juliana de Faria

“Quando você empodera uma menina, você empodera uma família, uma comunidade, uma sociedade inteira”, disse Muhammad Yunus, na conferência +SocialGood, promovida pela United Nations Foundations, em maio, em São Paulo. Ele é o fundador do Banco dos Pobres (Grameen Bank), um trabalho que o fez conhecido como “o pai do microcrédito” e que o agraciou com o Prêmio Nobel da Paz, em 2006.

Yunus não estava se referindo a “uma menina” como uma criança genérica, mas sim de forma literal. Desde cedo, sua experiência com microcrédito mostrou a importância de se distinguir a pobreza masculina e a feminina, assim como o modo de se lutar contra ambas. “Se seu projeto deixa algum grupo para trás, no nosso caso a princípio, as mulheres, ele não é sustentável.” Acontece que é uma pobreza ainda mais difícil de se combater. “No começo do projeto do banco, as mulheres, não acostumadas a lidar com dinheiro, não acreditavam que não poderiam assumir a liderança, nem buscavam receber os microcréditos.”

Em grande parte do mundo em desenvolvimento, mulheres são as pobres entre os pobres. Não tem voz política, não tem autonomia e, em muitos casos, sequer podem ter propriedade em seu nome. São vítimas de agressões morais e físicas sem que sequer exista um reconhecimento por parte do Estado de que esses atos são uma forma de violência. São uma minoria, mas muito peculiar: aquela minoria que representa metade da população.

Políticas para combater a violência que não reconhecem as grandes diferenças entre os gêneros estão fadadas a perpetuar muitas dessas pobreza femininas. É enriquecer apenas uma das faces da moeda. E, ao que se descobriu nas últimas décadas, é também uma péssima ideia.

Investir em mulheres aumenta o retorno. Segundo Kathy Calvin, presidente da United Nations Foundations, enquanto homens investem e reinvestem conhecimento, dinheiro e sucesso em si mesmos, as mulheres transformam não apenas suas vidas, mas também as das pessoas ao seu redor. Em outras palavras, elas são o caminho mais rápido para uma verdadeira transformação social. Não só isso, mas Yunus também descobriu que as mulheres eram seus melhores pagadores (a taxa de retorno do banco é de 97% por ano).

Mas estamos em um bom momento para promover a luta contra a pobreza por meio da luta pela igualdade de gêneros. Existe hoje um despertar de que essas questões são essenciais para o desenvolvimento humano. E, provavelmente relacionado, está o fato de que as tecnologias de informação e comunicação são ferramentas poderosíssimas para ajudar nessa mudança.

Em primeiro lugar, elas criam a possibilidade, fazem sonhar. Para muitas dessas mulheres, as diferenças de direito entre os gêneros parecem um fato da vida, um problema intransponível. As novas tecnologias permitem conectá-las a mulheres que se empoderaram, superaram estereótipos e encontraram saídas para problemas especificamente femininas. Ao mostrá-las que qualquer uma tem o potencial de assumir autonomia, protagonismo e liderança, é possível dar a elas não apenas uma nova identidade, mas também sua dignidade. Em um contexto urbano, projetos como o Lean In, de Sheryl Sandberg, estimula mulheres a buscar mentoras. Seria possível e interessante ampliar conceitos como este para ambientes rurais, agrários e atingidos por conflitos. Poderia até ser mais simples: simplesmente dando espaço e voz para que mulheres inspiradoras dialoguem com outras mulheres.

Também é necessário educação. Yunus só conseguiu a participação feminina depois de manter, durante 6 anos, um trabalho de capacitação dessas mulheres. Trouxe resultados: elas hoje se representam 97% dos credenciados do seu banco. Novas tecnologias permitem realizar projetos com propósitos semelhantes ao de Yunus, mas em escala massiva a um custo muitas vezes menor do que o necessário em décadas passadas.

E, finalmente, elas permitem conectar. Juntar mulheres a outras mulheres, a fornecedores, a crédito, a recursos e ao mercado. Existe um ímpeto feminino de criar soluções para os próprios problemas, mas ainda mal aproveitado. No Brasil, mulheres representam a maioria dos

empreendedores, mas grande parte possuem empresas novas e menos rentáveis. Se tivessem recursos e capacitação para fazer esses negócios florescerem, teríamos soluções novas não só para os problemas que enfrentamos, mas principalmente para aqueles que nunca demos atenção por afetarem principalmente a metade feminina do mundo.

Empoderar mulheres é um caminho eficiente e mais ético combater a pobreza. E, sobretudo, é uma solução diferente para o problema. É comum pensar no desenvolvimento como uma sociedade semelhante, mas mais rica. O combate à pobreza pelo viés feminista mostra que o objetivo que todos deveríamos buscar é uma sociedade diferente - justa para todos os gêneros - e que, exatamente por esse motivo, consegue enriquecer mais facilmente.